

A VISÃO DA PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DE LAGES

ANALISADA A PARTIR DA RUA DA VERGONHA

Jaqueline de Oliveira Bomfim¹
Claudia Waltrick Machado Barbosa²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a “Rua da Vergonha” e sua importância na cultura da prostituição na cidade de Lages. Faz-se necessário pesquisar historicamente a constituição da rua, bem como entender qual a correlação desta com a prostituição e analisar as implicações culturais implícitas na mesma. Para isso, uma pesquisa bibliográfica, estudo de caso, sobre a construção social da prostituição e sua consequência cultural para construção do preconceito. Apresentando um projeto de pesquisa narrativa com intuito de entender as questões culturais imbricadas na constituição do preconceito em torno da prostituição e a repercussão disto para a sociedade lageana. A partir da extrema relevância da análise de dados fez-se viável obter resultados significativos acerca da prostituição, visto que o maior desafio referiu-se à investigação de como desmistificar o entendimento da comunidade, a respeito da forma de expressão da sociedade lageana, tendo como base a “Rua da Vergonha” relacionada a um simbolismo cultural na cidade. Enfim, por meio de todo o estudo realizado tornou-se possível confirmar a hipótese de que o preconceito envolvendo a prostituição no município, baseado em considerações a Rua e aos profissionais do sexo, através da pesquisa foi revelado diante disso explanando a compreensão de respectivos constructos culturais expostos mediante a população.

Palavras-chave: Prostituição, Rua da Vergonha, Culturais, Preconceito.

THE VISION OF PROSTITUTION IN LAGES CITY ANALYZED

FROM THE STREET OF SHAME

ABSTRACT

The present work aims to understand the "Street of Shame" and its importance in the culture of prostitution in the city of Lages. It is necessary to research historically the constitution of the Street, as well as to understand its correlation with prostitution and to analyze the cultural implications implicit in it. For this, a bibliographical research, case study, on the social construction of prostitution and its cultural consequence for the construction of prejudice. Introducing a narrative research project in order to understand the cultural issues imbricated in the constitution of the prejudice around prostitution and the repercussion of this for the Lagean society. From the extreme relevance of the data analysis, it was possible to obtain significant results regarding prostitution, since the main challenge was to investigate how to demystify the community's understanding of the form of expression of the Lagean society. as a basis for "Street of Shame" related to a cultural symbolism in the city. Finally, through the whole study, it became possible to confirm the hypothesis that the prejudice involving the prostitution in the

¹ Acadêmica da 10ª fase do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST.

² Psicóloga e pedagoga – Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST, Mestre em educação, especialista em terapia familiar e de casal.

city, based on considerations of the street and the sex workers, through the research was revealed on this, explaining the understanding of respective constructs through the population.

Keywords: Prostitution, Street of Shame, Cultural, Prejudice.

INTRODUÇÃO

A construção social da prostituição na cidade de Lages – SC a partir da “Rua da Vergonha” é uma reflexão acerca do contexto cultural neste estudo, pois, nos utilizamos dos pressupostos históricos, para resgatar o preconceito, ainda interiorano, acerca do tema prostituição. Vale ressaltar que curiosamente o nome “Rua da Vergonha”, foi instituída na cidade de Lages como um marco conceitual do modo como a prostituição foi construindo nesta cidade uma visão preconceituosa e pouco ortodoxa, baseada apenas pelo fato da prostituição não estar à margem da cidade, e sim presente em alguns pontos específicos do centro da cidade.

Para que possamos compreender como uma sociedade funciona, precisamos ter o conhecimento da sua cultura, frisando os aspectos da história deste povo. Se aprofundando no contexto social, como se constitui a representação da visão histórica da sua população e entender os costumes e a tradição cultural presente. Sendo assim, é fundamental refletir sobre esta conjuntura sociocultural e suas contribuições para o desenvolvimento de sua concepção, frente aos elementos que fazem parte de uma cultura. Por isso, faz-se necessário o entendimento de suas influências comportamentais e sociais, que se caracterizam dentro de suas possibilidades uma compreensão existencial, a respeito da construção social da prostituição e a representatividade correlacionada ao respectivo contexto coletivo.

Para construir este marco histórico/social questionamos se a prostituição o preconceito que está relacionado à “Rua da Vergonha” e aos profissionais do sexo expressa através da sociedade lageana, um simbolismo cultural na cidade? Para responder, a este questionamento, buscamos atentamente trabalhar melhor as questões culturais dentro de uma realidade, para visualizar a representatividade do ser humano como figura essencial inserido na sociedade, através de suas características históricas e culturais.

Para compreender a “Rua da Vergonha” e sua importância na cultura da prostituição na cidade. Fez-se necessário pesquisar historicamente a sua constituição, bem como entender qual a correlação desta com a prostituição, e analisar as implicações culturais implícitas na mesma. Devido à necessidade de apresentar a construção social da prostituição, essa pesquisa originou-se a fim de buscar uma forma analítica de compreender e desmistificar a visão preconcebida da sociedade em relação ao preconceito existente na cultura lageana, já que este estudo envolve

uma rua, local de trabalho dos profissionais do sexo, e o simbolismo cultural da prostituição na cidade de Lages.

A cidade passou por um grande processo de “modernização” urbana, em virtude das necessidades da “elite” local e igualmente da administração dos coronéis para se integrarem ao processo social vigente, garantindo assim, sua manutenção na ordem estabelecida. Zilma Peixer (2002, p. 49) explica que mesmo depois de Lages estar urbanizada, a classe dominante, influenciada pelos valores elitistas, sobretudo, das “elites” de Desterro, tentou impor limites à população, a partir dos seus padrões de civilidade e conduta. Como exemplo, podemos citar a elaboração do Código de Posturas em 1895. No seu artigo 117, o código proibia, entre outras coisas; “fazer samba ou batuques, quaisquer que sejam as denominações, dentro das ruas da cidade e das povoações; andar pelas ruas indecentemente vestido com roupas dilaceradas [...] viver sem ocupação lícita [...]”. Segundo a autora, é “interessante observar que esses comportamentos que a lei delineava como proibitivos, de modo geral, eram frequentes nos grupos populares”.

De 1930 em diante um período no qual o café não elegia mais o presidente da República, apesar das mudanças no cenário político nacional, Lages continuava com o seu jogo político das “elites”. Ao contrário do que se via em algumas partes do país, aonde as oligarquias entraram em decadência, no município do planalto serrano, os chefes políticos não foram abalados, assim como foram os produtores de café, já que sua base econômica ainda era a terra e o gado. Munarim (1990, p. 103), chamou esse fenômeno de “um fim tardio do coronelismo e uma emergência tardia do populismo de caráter urbano [...]”. Embora os autores que veem coronelismo no meio urbano e em fases recentes da história do país estão falando simplesmente de clientelismo”, por entender que esse fenômeno específico (coronelismo) vai até 1930.

A partir da década de 40, Lages contou com inúmeras alterações na sua composição social, econômica, territorial, política e ambiental. Nesse período, a exploração da madeira superou a pecuária em importância econômica, além de absorver a mão de obra local e regional nos anos 50, momento no qual se intensificou o processo de “industrialização” da madeira, conforme (MARTENDAL, 1980, p. 32).

Durante esse período de intensa exploração dos recursos naturais da região, o município, teve sua população quadruplicada e passou a receber contingentes de trabalhadores, configurando-se como o polo receptor do êxodo rural da região (PEIXER, 2002, p. 60). A composição social lageana também se altera na medida em que novos contingentes de pessoas vão chegando à cidade. (MARTENDAL, 1980).

Como vimos até aqui a cidade de Lages foi cenário que questões políticas centradas no empoderamento de uma cultura dominadora. Para quem mora na cidade ainda percebe resquícios provincianos. Os objetivos deste estudo centram-se no estudo das relações entre a prostituição e a cultura da cidade de Lages. Resgatamos um pouco da história do município, trazendo um pouco do contexto de como a cidade foi fundada e como o poder da oligarquia foi predominante, período em que coincidem a intensificação das transformações nos espaços urbanos, decorrentes do processo de desenvolvimento do município, e uma ruidosa polêmica que centrou seu poder de fogo no combate à zona de prostituição, localizada na região central, recorrendo às mais variadas imagens para referenciar a prostituição na cidade que se tornava objeto de rejeição por parte de muitos moradores, principalmente, na Rua Otacílio Vieira da Costa, conhecida na cidade como a “Rua da Vergonha”.

Para tanto, foi realizado um levantamento a respeito desta representativa rua na cidade, a busca foi realizada em vários setores públicos, porém o respaldo teórico foi a maior dificuldade, pois registrado oficialmente nada consta sobre esta via. Contudo, através de uma pesquisa “*in loco*” foi encontrada junto à câmara de vereadores do município, o projeto de Lei do Art. 1º número 1 de 20 de Fevereiro de 1951, que altera a primeira denominação de Rua Florianópolis a qual era nomeada, que passa a denominar-se atualmente Rua Otacílio Vieira da Costa, sendo sancionada por unanimidade representada pelo poder legislativo e o prefeito municipal de Lages, Osni de Medeiros Regis neste período. Mas, que é conhecida como a “Rua da Vergonha” na cidade. Logo adiante apresentaremos através da pesquisa como se constituiu uma das ruas mais conhecidas da cidade. Portanto, a relevância desta temática está na busca por identificar e explanar os aspectos culturais, com enfoque na perspectiva de entender como se desenvolveu as implicações socioculturais, influenciadas por meio de uma cultura, mediante a visão de uma construção social da prostituição, na percepção da sociedade, ainda hoje no sentido de buscar respostas para uma análise mais precisa em torno desta via.

Para entendermos a construção social da prostituição na cidade de Lages – SC, a partir da “Rua da Vergonha”. Fez-se necessário conhecer os aspectos culturais sobre a prostituição desde seus primeiros registros até o presente momento. Segundo Beauvoir (1970) pode-se dizer que a construção social da prostituição emergiu na antiguidade. Neste contexto, fica claro que havia uma remuneração designada na época, em beneficiar os serviços das prostitutas religiosas, no que tange uma divindade neste período. Entretanto, em todo este processo, ocorreram investimentos designados à igreja e todos os envolvidos neste coletivo.

Como Define Marques (2004) que é precisamente o caso de como se constituiu a prostituição sagrada na época, avaliando como ocorreu essa transição na construção social. Por

todos esses motivos, observamos que este processo se dava por meio de costumes e rituais religiosos da cultura antiga. É notório que isso resulta de como neste tempo as prostitutas eram tratadas como sacerdotisas, sendo aprovadas culturalmente, ao contrário de hoje, que enfrentam uma desaprovação frente à sociedade.

Não se pode falar de prostituição sem mencionar a questão delicada do preconceito. É imprescindível lembrar sobre a necessidade de avaliar a construção social da prostituição, mediante as implicações culturais para a concepção do preconceito existente na sociedade. Neste contexto, fica claro que o preconceito parte da premissa dos argumentos e opiniões sem análise crítica conseguinte as generalizações impostas, sendo assim, por exemplo, compartilhadas no meio social frisando a intolerância dos indivíduos que fazem a utilização de julgamentos e estereótipos, sem ter entendimento da real situação do outro, por intervenções de processos culturais, através das crenças construídas socialmente. “Apesar das mudanças ocorridas nos costumes sociais ao longo dos anos, as prostitutas ainda são vítimas de preconceitos, constituindo um grupo excluído socialmente” (VIANNA; LACERDA, 2004 *apud* MOURA; OLIVEIRA *et al.*, 2010, p. 546).

É primordial, ir mais além, adentrando na esfera social para assimilar as implicações culturais, salientando os processos de desenvolvimento dessa construção da prostituição, diante os preconceitos. É formalmente o caso de examinar os fatores causadores dessas discriminações, explícitas pela sociedade desde a antiguidade. Por todas essas fontes os estereótipos e estigmas envolvem questões profissionais, pessoais e sociais destes indivíduos, é notório que isso resulta em desigualdades aos paradigmas encarados pela prostituição, provendo uma exclusão social dos gêneros comprometidos com este ramo.

Para Soares e Santos (2015, p. 73)

Também, foi possível concluir, que as profissionais do sexo, pertencem a uma classe social desfavorecida, o que é ainda mais preocupante, pois a prostituição se fortalece com a falta de oportunidades existente no país. Fato esse, que infelizmente corrobora outros resultados de pesquisas realizadas no Brasil. O estudo ainda evidencia o ingresso dessas mulheres à prostituição ao baixo nível socioeconômico aos quais são inseridas. Ou seja, são mulheres oriundas da periferia, com baixa escolaridade e baixo poder aquisitivo. Nesse sentido, faz-se necessário novos estudos dessa natureza.

Esta classe exposta aos espaços públicos sofre com implicações culturais no que consiste ao preconceito e a falta de apoio social. Portanto, é de suma importância tratar em uma dialética contextualizando e abordando a prostituição, e tendo como base para este estudo a “Rua da Vergonha”. Observamos que o assunto em si é um tabu para a sociedade, tal como qualquer vertente correlacionada ao tema deste trabalho.

Na via citada acima, a prostituição seguiu o desenvolvimento regional, através de mudanças culturais, sociais e econômicas sofrendo alterações, mas ainda mantendo-se ativa. Todavia, é primordial a explanação da visão dessa construção da prostituição e suas circunstâncias agravantes, sendo de grande valia para a pesquisa, que consigamos captar os significados ocultos, e não relatos em relação ao que se torna o objeto de pesquisa a “Rua da Vergonha” dentro dessa cultura. Para obtermos uma compreensão precisa, através de evidências e clareza a respeito da condição social e seu desenvolvimento na sociedade. Sendo assim

O preconceito pode ser definido como atitude negativa em relação à outra pessoa ou grupo, formada em antecipação de alguma experiência com aquela pessoa ou grupo. Inclui três componentes: afetivo, cognitivo e comportamental. Tende a ser resistente à mudança na medida em que prevalece uma percepção distorcida do indivíduo em relação ao grupo ao qual pertence (VANDEBOS, 2010 *apud* BANUTH; SANTOS, 2016, p.766).

Contudo, a contribuição para este estudo por intermédio de um conhecimento da cultura que é de interesse para o entendimento, de como uma determinada sociedade funciona, relacionado aos aspectos mencionados que contribuíram para uma concepção social, frisando na intolerância e o preconceito, que ocorre dentro deste contexto. Para que, possamos concluir e compreender o papel do profissional do sexo. A prostituição é popularmente conhecida como uma das “profissões mais antiga do mundo”. E, desde que o mundo é dito civilizado, sempre houve prostitutas. O que é desconhecido por muitos é que em um tempo não tão remoto da história a imagem a respeito delas nem sempre foi a que temos atualmente. A imagem da prostituta já foi afamada pela sabedoria e cultura. As “mulheres da vida” sempre tiveram uma colocação na história, mas, ao longo dos anos, seu status que era prestigiado passou a ser reprovável.

A temática da prostituição não é nova, mas sempre permanece atual em decorrência de sua relevância e atenção que desperta da sociedade. São poucos os temas que provocam tantas e diversas opiniões como o da prostituição. E entremeio a um turbilhão de prós e contras, alimenta-se o desejo de se compreender de modo claro as vicissitudes de uma das “profissões mais velha do mundo” (SOARES; SANTOS *et al.*, 2015, p. 63).

Ao escolher discorrer sobre a “Rua da Vergonha”, encontramos dificuldade em encontrar suporte teórico, para embasar este estudo. Sendo assim, devido o desfalque de registros sobre a rua. Foi encontrado e fornecido pela equipe do Museu Histórico Thiago de Castro, um estudo, onde foi possível resgatar fomentos para elucidar esta pesquisa. O levantamento realizado por Olímpia Gaio em 1994, conta sobre “A História não Escrita: prostituição em Lages”, que acabou por vir ao encontro dos objetivos deste estudo, pois é um

compendio de depoimentos acerca de como aconteceu, ou não, o desenvolvimento sustentável na área de meretrício (em Lages-SC), onde as relações de gênero eram pautadas pelo jogo econômico de compra e venda do corpo.

Além da suntuosidade da prostituição lageana, ela é de longa data, desde o século passado, conforme cita Avé-Lallemant (1858). Sobre a prostituição Márcio Camargo Costa, relata: *“Lages, naquela época era uma cidade, um vilarejo, mas passagem, caminho de tropas do sul para São Paulo. E então, já existia, a prostituição no centro, onde hoje é o cine Marrocos. Ainda no final do século passado, ali na região da Igreja Santa Cruz, na rua lateral tinha uma famosa – era a Maria Sete Pelo, onde inclusive se reuniam os políticos. Era um cabaré. Mais tarde, outra casa famosa se localizou na Praça da Igreja Santa Cruz, a casa da Dauta. Depois migrou próximo ao cemitério Cruz das almas, na década de 40, e devido ao mercado da madeira, foi até a década de 60. Posteriormente, Nuta-Áureo Vidal Ramos – prefeito na época, transferiu esta casa para o Bairro Santa Clara, onde permaneceu por longa data. A antiga zona do meretrício, era composta por muitas casas de tolerância (assim chamada na época). A Cidade que tinha luz precária, e rede de esgoto não existia, mas a movimentação era intensíssima, pois a BR-2 antiga era a única. Vinham muita gente devido ao comércio de pinheiros e pessoal do comércio. E na época tinha o 2º Batalhão Rodoviário que era enorme aqui; estavam construindo estradas. Elas tinham, sei lá, quantos mil operários, funcionários civis porque tinha todo um parque de máquinas, oficinas. O Batalhão era muito grande, muitos caminhoneiros. Enfim, era a passagem Norte-Sul. Hoje passa pela BR-101. Na época era só aqui. Então, realmente tinha tudo isso, podemos comparar com o que aconteceu na Bahia com o ciclo do cacau. Aqui com o ciclo da madeira. Só que foi um período muito curto. Durou “Praticamente uns 30 anos”.*

Em vista disso, consideramos a utilidade de analisar a construção social da prostituição, relacionando com a expressão do simbolismo cultural, para assim aprender como se manifestou a questão histórica, através das práticas sexuais. Deste jeito, a prostituição sagrada é tida como característica religiosa neste tempo, envolvendo quesitos sociais, composto por um grupo de mulheres com uma determinada postura, bem como definida pela sociedade naquela época.

A “prostituição sagrada” ou sexo ritualístico seria uma prática ligada à religião, na qual mulheres comuns e sacerdotisas (as “prostitutas sagradas”) teriam relações sexuais com quem as procurasse com objetivo de ser abençoado com fertilidade, seja para si, esposa, terras ou animais. Por essas relações sexuais, elas receberiam um pagamento, porém o pagamento seria oferecido à divindade ou ao templo (BATISTA, 2011, p. 190).

Sendo assim, absorvemos o conteúdo de forma clara, com relação à prostituição e atrelado às vivências sociais, a conveniência na averiguação de análises que embasam a construção social da prostituição, desde seu surgimento. Podemos perceber conforme explicado acima que este quadro remete a prostituição sagrada, o autor deixa claro onde mulheres se relacionavam com o intuito de uma bênção divina, posteriormente a quitação dos serviços das prostitutas sagradas, era feito de forma religiosa, destinado aos cultos e tudo que estivesse vinculado aos costumes da antiguidade, no que condiz aos rituais desenvolvidos por esta classe.

Ainda sobre a origem da prostituição o Juiz Desembargador Sênior descreve desta forma: *“No começo da fundação de Lages, muita gente passava com tropas de gado, de mulas, de cavalos do Rio grande do Sul para a Feira de Sorocaba. Passavam em Lages. Então essa gente procurava levar meninas daqui, quando conseguiam, ou seduziam a menina aqui mesmo. Viajantes que vinham vender fazendas, vender remédios, armas. E mais tarde a cidade foi enriquecendo e foram aparecendo tropeiros mais ricos e isso tudo facilitava a prostituição. O tropeiro rico procurava, como se dizia vulgarmente, conquistar uma menina ou comprar uma menina. Isso acontece muito ainda hoje no Nordeste”*.

Sobre o início exato da prostituição em Lages, na fala de Sebastião Ataíde: *“Não existe uma data precisa, assim a prostituição começou ontem, ou no tal século, etc. Parece que é um dos males que acompanha a sociedade. É um desacerto, podemos dizer é uma falta de formação, falta de educação que leva à prostituição, sendo tanto o instinto de competir um com o outro. Parece que isso leva a esta aventura ou desventura da prostituição. Lages, pelo que eu sei, foi uma cidade pacata até a idade de 1934. Aí chegava aqui a primeira unidade militar, o 2º BE – Batalhão de Engenharia. Chegando aqui, é claro, movimentou muito a cidade, iniciou a construção de estradas. Isso tirou das Fazendas muitas famílias que vieram para as companhias, começaram a trabalhar e trouxeram também suas famílias. Então nota-se, parece que a prostituição aumentou um pouquinho. O progresso traz essas coisas. Pode haver progresso social de um lado, um aprimoramento, uma educação melhor através do rádio e da televisão, mas também a libertinagem. Mais cassinos, mais boates, mais liberdade”*.

Em continuidade sobre o início da prostituição Névio Santana o descreve do seguinte modo: *“De início, a prostituição começou sendo explorada por Dorvalina Oliveira, mais conhecida por Mãezinha, agasalhando decaídas residentes na cidade, as quais procediam de famílias de baixos rendimentos e de uma deteriorada educação recebida em seus lares e por acenarem com um meio de subsistência com algumas perspectivas financeiras. No ciclo da madeira, com o êxodo de empresários procedentes de regiões de descendência italiana no Rio grande do Sul e da região do Vale do Rio do Peixe, em SC, a cidade foi adquirindo um*

crescimento espetacular, quando praticamente financiávamos o progresso catarinense. Tivemos também um êxodo, através de famílias de baixa renda. Atraídas por empregados no setor madeireiro. Da desilusão da cidade mais avançada que as de origem, apareceram problemas familiares, e a prostituição acabou sinalizando perspectivas de melhor sobrevivência para mocinhas e até adolescentes. O mercado de venda do corpo adquiriu uma grande expansão e as casas de tolerância ganharam conotação extraordinária, com uma clientela formada por empresários, comerciantes e, inclusive, de autoridades constituídas que frequentavam os referidos antros de perdição, quando as meretrizes eram regamente compensadas, embora fossem muito exploradas (como hoje ainda o são), por parte de proprietários (as), rufiões, proxenetas, etc.”.

A construção social da prostituição se constitui, por meio da cultura, passada de geração para geração, sendo assim

A prostituição sagrada, cúltica ou religiosa constitui um fenômeno religioso de grande abrangência territorial no mundo antigo, reservada a ambientes sagrados ou templos, onde o intercuro sexual se dava entre as hierodóulais (servas sagradas) e visitantes.[...] Para entender a prostituição sagrada ou temple prostitution, faz-se mister recordar que, consoante idéias antigas, Afrodite não só outorga o prazer do amor, mas que esse prazer é também seu mandamento divino (ULLMANN, 2007, p. 109).

De acordo com Ullmann (2007), à vista disso, a prostituição sagrada era cultivada por rituais religiosos, abrangendo a passagem histórica, decorrente ao mundo antigo, visto que as filosofias mencionadas anteriormente convergem na perspectiva com referências em rituais praticados neste século. Conforme apontado acima, por conseguinte, as prostituídas eram denominadas como sagradas, os serviços se concretizavam entre as servas e os visitantes. Desse modo, adquirindo sua autonomia com base no comércio, para que obtivessem financeiramente boas resoluções.

Luci Fávero compreendeu, dessa forma, a origem das prostitutas: *“Geralmente se uma filha se perdesse, digamos assim, os pais não aceitavam em casa. Agora é diferente, se a filha fica grávida. Ela ganha o filho e tem o apoio. Naquele tempo quando acontecia isto, ali eles não as queriam em casa. Elas saíam pelo mundo. E procuravam na cidade a melhor casa, mas tinha casa mais baixa, A casa onde eu morava era uma das melhores”.*

Márcio explicou, assim, a procedência das meretrizes lageanas: *“A origem dessas mulheres que se prostituíam, além dessas do interior, vinham muitas do Rio Grande do Sul também por desajuste social, uma educação mais rígida e se saíam fora daquele esquema, e não tinha como, vinham pra cá. Mas era daqui do Sul. Vinham também da Argentina, tinha*

muitas aí. Essas exploravam os caras. Se dizia na época, quando uma coisa era muito cara, é pior que uma amante argentina, porque elas vinham aí, elas eram profissionais mesmo”.

Para Paiva (2013) em decorrência a condição destas mulheres as quais se encontravam, ainda que seja precocemente, impulsionaram a procurar outras maneiras para sobreviver. Independente do aspecto como isso procedeu, a melhor forma ainda, de encontrar emprego fossem a prostituição para estas pessoas, por ser um trabalho mais acessível e fácil dentro de suas possibilidades, essas mulheres optassem por meios de inserção nesta profissão, para a manutenção de suas despesas, devido às dificuldades econômicas, e a necessidade de conseguir um emprego.

Borges faz o seu registro dessa maneira: *“Com a diminuição das serrarias no interior e o desemprego que foi gradual, centenas de famílias do meio rural começaram a se transferir para a cidade em busca de trabalho e de uma ilusória vida melhor. Mas, como o mercado era bastante restrito na época pela falta de indústrias, restavam dois caminhos a humildes moças procedentes do interior: o emprego doméstico ou a prostituição. Muitas, é verdade, aferravam-se à primeira opção por restar-lhes ainda o pudor e a decência herdados dos costumes de então. Outras, já com uma certa inclinação para a vida fácil e aventureira, atiravam-se diretamente à prostituição. E, como o mercado de trabalho do ramo era bom e os rendimentos eram mais ou menos compensatórios, a zona do meretrício de Lages tornou-se um grande foco de atração, tanto para as jovens de fora, como para aquelas já residentes em Lages”.*

Este procedimento acompanhou toda a história das prostitutas. Veja-se que aconteceu no início. Quem descreve esta trajetória é Névio Santa Fernandes. Diz ele: *“A localização dos focos da prostituição em Lages deu-se assim: final da década de 40 – Rua São Joaquim, esquina com a Marechal Deodoro. Início da década de 50 – mudança para Rua João de Castro, proximidades da Escola Básica Flordardo Cabral, Rua Cândido Ramos e Rua Benjamin Constant (proximidades da Igreja Católica Apostólica Brasileira). A partir de 1952 – mudanças para a Rua Eleutério Furtado e imediações (próximo ao Cemitério Cruz das Almas) e um cassino na Av. D. Pedro II, onde hoje está instalada a Firma Pedrassani. Em 1970 – mudança para o atual local, no acesso sul da cidade, com núcleo totalmente dedicado a casa de prostituição”.*

Desse modo, tendo a viabilidade como ponto de partida para o entendimento destas questões, que permitem um embasamento para compreensão do contexto social, por exemplo, identificamos a escolha como fundamental deste ser humano, sendo que existem vários elementos que contribuíram para efetivação destas escolhas, após suas consequências, não atribuindo assim como um fator desencadeante apenas, mas sim, uma condição individual e

características destes indivíduos para preferir esta profissão. “Não se pode apontar um único fator como determinante da prostituição. Isto seria um reducionismo inaceitável. A título de ilustração, é reducionista a postura dos que só vêem causas de ordem econômica para este fenômeno” (SAFFIOTI, 1989 *apud* RODRIGUES, 2004, p. 17).

Mais, Estevam Borges, esclarece: “*A chamada zona de meretrício ou casas de mulheres etc., concentrava o exercício da prostituição mais antiga do mundo, a prostituição. Ali nos fundos da Igreja Brasileira, proliferaram as casas de mulheres, com suas luzes vermelhas para facilitar a identificação. A prostituição, de uma maneira geral, era praticada em lugar certo e em área designada pelas autoridades competentes. Pelo menos ao que se saiba, fora dali, dificilmente o interessado encontrava qualquer diversão no gênero. Alguns anos mais tarde, ainda no começo da década de 50, a zona do meretrício foi deslocada para uma área existente nos fundos do cemitério Cruz das almas, espalhando-se pelos dois lados da Av. D. II. Centenas de casas novas foram surgindo em terrenos alienados pela Prefeitura, dando um novo visual àquela área, até há pouco despovoada*”.

A prostituição feminina é compreendida a partir de um ato de escolha; acredita-se que as prostitutas fizeram uso do seu direito de escolha na decisão de se prostituir. É preciso acrescentar que essa escolha deve ser compreendida dentro de um campo de possibilidades, o que certamente acarreta ganhas e perdas. Para as contratualistas, a prostituição é um trabalho, uma vez que as prostitutas estabelecem um contrato a partir de uma combinação especificando um tipo de trabalho por um período de tempo e uma quantidade de dinheiro (PASINI, 2005, p. 3).

Conforme citado acima elucidando o assunto, percebemos que existem diversos fatores os quais estimula, ou influencia na escolha pela prostituição, o autor em sua publicação afirma que parte de um grupo de mulheres, escolheu a prostituição por vocação ou necessidade, dependendo da sua precisão a escolha sempre será do sujeito, mediante sua dificuldade, ainda assim, podemos analisar como um direito de escolha. Por isso, não importa o motivo ou a razão que as proporcionaram tomar esta iniciativa, a prostituição é um trabalho como outro qualquer, partindo de suas configurações e demandas (OLIVEIRA, 2013).

Finalmente, o Deco passou-me este resumo assim: “*Prostitutas em Lages nos anos de 30 a 35. Na época tinha três casas públicas sendo duas mais frequentadas. Uma era onde hoje é o INSS – a proprietária era Dorvalina – Mãezinha; outra na Rua Marechal Deodoro, hoje Posto de Gasolina; e a terceira era onde está a Av. Marechal Floriano. Os frequentadores e que sustentavam as mulheres eram os coronéis do dinheiro, sendo fazendeiros, comerciantes, políticos, etc. No ano de 1945, mais ou menos, quando foi criada a Paróquia São Judas Tadeu, o primeiro vigário Pe. Luiz Adames e eu começamos a campanha para retirar as casas. Nunca*

*fomos contra as mulheres, mas em tirar do meio das famílias. Com ajuda do Prefeito doando terreno e o Delegado – autoridade conseguimos com muita luta até com amigos do bairro. Foram para o Bairro Triângulo, recebendo terrenos e casas”. É importante considerar que o papel do profissional do sexo, deve ser trabalhado numa perspectiva melhor, considerando a relevância dos seus serviços prestados (FREITAS, 1985 *apud* SOARES; SANTOS *et al.*, 2015).*

Por ser ponto estratégico ligando país Norte-Sul, único caminho de acesso, o lugar tornou-se passagem obrigatória, marcado por contradições. E o Sr. Rath que relata: *“Aconteceu que nesse período a boemia em Lages deslanchou. Lages tinha bar, restaurante que ficava aberto à noite inteira. Começou a rolar dinheiro por aqui, porque era o único trajeto, passagem obrigatória do centro do país para o sul e começou haver um comércio clandestino de saída de pneus do Brasil. Tinha uma rota que pegava de Joinville-Blumenau-Lages ou Joinville-Guaramirim-Lages; Lages-Vacaria-Passo Fundo, para ir à fronteira e Porto Alegre. Levavam pneu e traziam moedas em ouro e prata da Argentina. Era de São Borja, Livramento. Tinha uma rota. Então levavam pneu e borracha crua e traziam dinheiro, moedas assim de 5, 10 pesos chilenos em ouro. Lindas moedas. E o comércio prosperou muito. Mais tarde, fui saber que os fracassos do Hitler na África, foi porque os carros dele não aguentavam o calor. O pneu que rodava lá era o pneu brasileiro nos carros alemães. A Argentina permaneceu neutra. Neutra de fachada, porque passava o material pra lá e mandava ouro de monte aqui para o Brasil. Lages aqui era trânsito obrigatório. Cresceram os hotéis, restaurantes e bordéis. Consequência toda que traz o dinheiro fácil. Foi criado nesta época ou um pouquinho depois, logo no fim da guerra, na zona onde as mulheres foram levadas pelo Padre Luíz do cemitério para lá no Bairro Triângulo, um camarada botou ali um bar bem montado, muito fino, com mesas, balcão, depois uns reservados à esquerda com cortininhas e um serviço de restaurante excelente. Mais à direita um salão enorme com mesas, pista de dança e local de orquestra. Todo mundo na cidade chamava de cassino. Nos fundos, um prédio de dois andares com quartos, com passadiço no meio para proteger da chuva. Na fachada estava escrito: Boate Veraneio Hotel. Toda a cidade chamava de cassino porque eles iam lá na fronteira do Rio Grande, levavam mulheres daqui pra lá e traziam de lá bailarinas. Tinha até espetáculo de balé. E como o trânsito era obrigatório Norte-Sul, muitos viajantes que passavam e mesmo pelo turismo incipiente na época, paravam ali, pensando que era realmente boate veraneio hotel. E não era, era bordel mesmo, com um salão, uma pista de dança muito bem organizada. Luxuoso, cortinas de veludo. Riquíssimo para tirar renda. A origem do famoso cassino foi esta. Era um posto de gasolina, junto com uma instalação muito boa, muito bom atendimento. Um restaurante que funcionava dia e noite. Só que de noite mudava muito”.*

Contudo, "fazer programa" é a terminologia mais comumente utilizada para se referir ao trabalho do profissional do sexo. [...], O programa é a unidade elementar da atividade da prostituta, pois se constitui no momento em que se dá a negociação de rotinas, identidades e disputa pelo controle da interação com o cliente, ou seja, negocia-se o tempo do programa, seu preço e as práticas sexuais. O acordo negociado é quebrado quando um desses componentes do programa é rompido por uma das partes: prostituta ou cliente (FREITAS, 1985 *apud* SOARES; SANTOS *et al.*, 2015, p. 64).

O autor deixa claro, avaliar como se constitui a construção social da prostituição a partir do trabalho do profissional do sexo, mas há um fato que se sobrepõe a profissão deste indivíduo, como fundamental na sociedade. Conforme referido acima, não parece haver razão, para que não ocorra uma negociação a favor do trabalho deste profissional. É sinal de que há, enfim, uma relevância com base na negociação expressada mediante a necessidade de seus critérios expostos frente a sua demanda.

Referindo-se à fama de que Lages tinha muito dinheiro e muita prostituição, Evandel relata: *“Prostituição era lá no centro e depois aqui no Bairro Copacabana. Aqui deu muito trabalho para limpar, o Pe. Luís me ajudou. Os frequentadores eram os grandes, ia de tudo. Político. Aqui era passagem que levavam o gado e o ponto da água para os animais aqui, na frente da minha casa – na Rua São Joaquim. As tropas paravam ali, tinha uma lagoa grande. Lá na casa do Arroz tinha outra lagoa grande, os tropeiros vinham e paravam ali. Tinha casa de prostituição famosas. A dona Dorvalina – apelido era Mãezinha – e a outra era a Dauta Godoy. Eram as donas das casas”*.

Luci reforça, ou melhor, justifica, assim, o fim da zona de Lages: *“Daí foi indo... quebraram aquele cassino, foram diminuindo as boates e só a da Eva ficou. Mas era uma boate boa da Eva. Tinha outra que era a Marabá que eu não cheguei a conhecer. Daí aquelas duas, o cassino e a Marabá fecharam, ficou só a Eva, Daí a Tia Zefa tinha uma boate e já não deu mais, porque já começou a fracassar o movimento: já começaram abrir boate e bar no centro. Isto foi em 68-69. Começou a voltar para o centro. E aquilo diminuiu o movimento. As mulheres começaram a ir embora. A polícia começou a dar em cima, porque era muito no centro. Começou a fechar algumas casas. Dava ordem para fechar a meia-noite e daí começou fracassar a zona. Mas quando foi fechada uma vez tinha três mil [...]”*.

É importante ressaltar que existe a necessidade de avaliar a construção social da prostituição, mas, em cima disso, estudar os componentes que interagem neste âmbito, sendo assim ter o conhecimento de como funciona os trâmites nesta profissão. Finalmente, para que possa se suceder uma compreensão através de pesquisas, no processo de como proceder na função e suas contribuições. Ora, por exemplo, vejamos que ao entender a relação das

identidades em uma interação, fica clara a existência deste profissional, nesse sentido, faz parte de estudos abordados na história da prostituição. Esta versão não é a única pela qual cabe dizer que é imprescindível à imposição desses fatores ativos, com base na construção social da prostituição. Como bem nos assegura Barreto e Prado (2010, p. 94) “deste modo, as palavras prostituição e prostituta, antes de traduzirem uma realidade única, dizem respeito a um grande número de práticas, de significados, de identidades”. Contudo, entendemos a decorrência dos aspectos mencionados acerca de uma reflexão social.

Diante destes fatos surge uma dúvida: como explicar esta decadência, pois se era uma zona riquíssima, três mil mulheres, e de repente ficou assim. E Luci continua a relatar: *“Foram todas para o centro. Daí começou abrir bar no centro. Elas alugaram quitinete. Saíram, pra fora, se debandaram, de um lado pro outro. E geralmente daí, foram morar no centro, se prostituindo lá na rua mesmo, no hotel. Naquele tempo nem motel não tinha. Depois é que construíram motel. Naquele tempo, na rua, pra lá, pra cá; mas lá em todos os bares tinha mulheres. Lá, quando começou descer a turma foi em 1980. Tivemos pouca assistência, e daí voltaram. Eram 60 casas que tinha aqui na zona. E veja o que tem agora [...]. Aqui era uma cidade. Uma cidade! Mas como não tinha assistência nenhuma, o pessoal começou a voltar. Voltaram para o centro. Havia uma zona grande e bonita, mas depois desmancharam de novo e foram para a cidade. É por causa que deixaram abrir de novo lá pra baixo. Elas começaram a voltar pro centro. Ali no Bairro Triângulo, a zona é maior que aqui, agora. Aqui é um bairro familiar, bem dizer. Aqui não se vê briga, não se vê roubo, não se vê nada. Agora, lá pra baixo naqueles bares, aí é aquele fervo. Todo dia, todo dia, dia e noite. Aqui, por exemplo, se vem uma mulher com menos de 18 anos, eles tiram, processam a dona da casa e tudo. E lá pra baixo não, naqueles bares cheios. Naqueles bailes por exemplo, nestes bailões é cheio de meninas de menor. E só que não... Bem daí foi indo, passou aquele tempo, terminou o dinheiro do pessoal, também não tinha mais aquele movimento...”*

Consideramos assim o estudo de Gaio através dos depoimentos coletados por intermédio dos discursos relatados por pessoas que presenciaram a prostituição neste período, o qual se refere ao auge do poder econômico da cidade e que define a prostituição naquela época. O amplo foco de atração em Lages naquele tempo refere-se aos bordéis em consequência de uma vasta circulação de dinheiro e o acréscimo de habitantes, foi determinado pelo desenvolvimento e progresso da prostituição, visto que não se tornou menor a quantidade de mulheres que fizeram de Lages o seu espaço de sobrevivência, tendo como profissão a prostituição. Destacamos que isso nos emerge a compreensão da prostituição moderna sendo característica da vida urbana. Entretanto percebemos que neste processo de transformação urbana, a

prostituição não recebe atenção e também visibilidade social. Em conformidade com Sampaio (1999, p. 143) “a prostituição, nesse sentido, não se limita a uma questão moral ou de desvio de conduta de uma mulher, ou das mulheres. Antes, projeta para o quadro social”.

METODOLOGIA

Este estudo teve como objetivo estudar as questões culturais da prostituição na cidade de Lages – SC, a partir da Rua da Vergonha. Esta pesquisa define-se, do ponto de vista metodológico, por uma abordagem de pesquisa qualitativa, enfatizando a condição do pesquisador como sujeito e destacando a importância do seu diálogo com o campo empírico, no processo de produção de conhecimento. Foram participantes desta pesquisa onze sujeitos, moradores da cidade de Lages, de ambos os sexos, maiores de 18 anos de idade. Para obtenção dos dados foi utilizado entrevistas com aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturado com perguntas abertas, juntamente com o termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa narrativa. A pesquisa narrativa, no campo social e psicológico, incluindo biografias, histórias de vida, autobiografias, relatos orais, depoimentos, vem sendo bastante difundida e utilizada nos últimos vinte anos. As questões culturais de um município constituem em si muitos contextos, que vão desde o espaço para reflexão de si, como também a constituição de uma cultura social a partir das interações e do aprendizado. A escolha desse tipo de abordagem surge do interesse de, a partir da Rua da Vergonha, entender as questões culturais imbricadas na constituição do preconceito em torno da prostituição e a repercussão disto para a sociedade lageana.

ANÁLISE DOS DADOS

Quadro 1 – Dados dos entrevistados da sociedade Lageana

Entrevistados	Sexo	Idade	Naturalidade
Entrevistado 1	Masculino	35 anos	São Joaquim
Entrevistado 2	Feminino	21 anos	Lages
Entrevistado 3	Masculino	39 anos	Lages
Entrevistado 4	Masculino	23 anos	Lages
Entrevistado 5	Feminino	36 anos	Lages
Entrevistado 6	Masculino	51 anos	Lages
Entrevistado 7	Feminino	59 anos	São José do Cerrito
Entrevistado 8	Feminino	32 anos	Nova Prata - RS
Entrevistado 9	Feminino	35 anos	Lages
Entrevistado 10	Feminino	68 anos	Vacaria - RS
Entrevistado 11	Feminino	18 anos	Lages

Fonte: Dados da autora

Questões propostas

Ao indagarmos aos 11 participantes da comunidade sobre como percebe a prostituição em Lages, obtivemos respostas bem significativas. Selecionamos as mais relevantes para discutirmos a percepção da comunidade lageana acerca da prostituição. De acordo com o **entrevistado 1**, *“a prostituição é uma das profissões mais antigas da civilização, e, como em outras cidades em Lages, não seria diferente. Acredito que a prostituição exista em Lages e também acredito que seja a fonte de renda de muitas pessoas, quer seja por opção ou por necessidade”*. O **entrevistado 2**, respondeu que: *“O serviço prestado tem sido o mesmo há milênios e no mundo todo”*. O **entrevistado 3**: comentou que, *“Muitos pela falta de apoio da família, pois o despreparo familiar faz com que vidas sejam sacrificadas na prostituição e a criminalidade”*. **Entrevistado 4**: Disse que, *“É uma atividade prazerosa remunerada”*. **Entrevistado 5**: *“Modo de sobrevivência, uma forma de necessidade sexo por dinheiro, um trabalho como outro qualquer”*. **Entrevistado 6**: *“A prostituição está na sociedade alta, aquele profissional que trabalha no ramo por questões financeiras e conseqüentemente por necessidade eu não considero errado este trabalho. Troca de prazer por dinheiro”*. **Entrevistado 7**: *“Talvez desemprego ou decisão própria de cada ser humano falta de raízes boas de família ou talvez uma indecisão. Qual o caminho melhor e acabou decidindo por esta vamos dizer profissão”*. **Entrevistado 8**: *“Sexo em troca de dinheiro, necessidade, falta de oportunidade. Uma forma ou maneira fácil de ganhar dinheiro”*. **Entrevistado 9**: *“Algo visto ainda com grande preconceito pela sociedade e até mesmo por algumas pessoas que fazem parte do mesmo.”*. **Entrevistado 10**: *“Sexo pago, meio de sobrevivência”*. **Entrevistado 11**: *“É uma profissão que as pessoas se sujeitam, porém não é bem vista pela sociedade”*

De acordo com as falas dos entrevistados, tivemos diferentes formas de pensar a prostituição, porém percebe-se que muitos falam da questão cultural atribuída a “Rua da vergonha”, mas também foi salientado como uma forma de se ganhar dinheiro. Pode-se dizer que a prostituição é uma forma do indivíduo prestar seus serviços, através das práticas sexuais. Neste contexto, Para Soares (2015) fica claro que possibilita que o cliente possa ser atendido, após serem acordadas entre ambas as partes, um valor a ser pago pelo trabalho realizado. O mais enfático ainda sim é constatar que quando não existir um acordo a partir dos preceitos sugeridos pelo profissional do sexo, poderá surgir divergências por meio da negociação.

Para que possamos compreender como uma sociedade funciona, precisamos ter o conhecimento da sua cultura, frisando os aspectos da história deste povo. Adentrando no

contexto social, como se constitui a representação da visão histórica da sua população e entender os costumes e a tradição cultural presente. Assim

Não há uma cultura melhor ou pior do que a outra, mas sim maneiras diferentes de comportamentos e costumes de povos que fazem parte de uma sociedade. E mesmo fazendo parte de uma sociedade há pessoas com diferentes níveis sociais que compõem essa sociedade e cada um tem seus aspectos culturais que juntos formam a cultura de um país ou uma região (FERREIRA, 2000, p. 119).

E por fim não menos importante, buscamos atentamente trabalhar melhor as questões culturais dentro da sua realidade, para visualizar a representatividade do ser humano como figura essencial inserido na sociedade, através de suas características históricas e culturais.

Quando perguntamos aos participantes da comunidade se acredita que a “Rua da Vergonha” expressa culturalmente o simbolismo da prostituição e, de que forma obtivemos as seguintes respostas: **Entrevistado 1** respondeu que: *A “Rua da Vergonha” expressa esse simbolismo por haver maior concentração de pessoas relacionadas à prostituição a vários anos, ficando assim relacionado a prostituição - “A Rua da Vergonha”*. O **Entrevistado 2** disse que *“sim, nenhum estereótipo é nato, todos são adquiridos culturalmente. Muitos nunca passaram pela “Rua da Vergonha”, mas tem uma impressão ruim ou podem descrevê-la apenas pelo que ouviram, pois já faz parte do imaginário popular”*. **Entrevistado 3**, *“também disse que sim, é cultural, pois vivemos em uma cidade culturalmente machista”*. **Entrevistado 4**, *“De certa forma sim. A cultura sendo algo que é constituído e repassado com o tempo. Particularmente nunca ouvi e nem vi nada para desconstruir essa ideia. Enquanto não houver estudos sobre isso desmistificando continuará assim”*. **Entrevistado 5**, *“Sim, cultural. Passado de geração para geração. Eu acho que a sociedade é machista de Lages”*. **Entrevistado 6**, *“Sim, a Rua da Vergonha expressa o preconceito cultural desenvolvido por nossa sociedade lageana”*. **Entrevistado 7**, *“Creio que sim, é cultural e como relacionei em cima”*. **Entrevistado 8**, *“Sim, apesar das pessoas obterem uma visão e mente aberta, ainda existem algumas pessoas que são muito preconceituosas e não aceitam por isso é cultural”*. **Entrevistado 9**, *“Por um lado sim, por ser o local mais utilizado por essas pessoas”*. **Entrevistado 10**, *“Sim, cultural porque o preconceito vem de longa data em relação à “Rua da Vergonha”. Conheço pessoas que dificilmente transita pela Rua, prefere evitar circular por aqui por conta de a Rua ser mal conceituada”*. **Entrevistado 11**, *“Por que as pessoas vão na “Rua da Vergonha” pra exercer uma profissão, isso pode causar um olhar diferente para Rua”*.

Em conformidade com os relatos dos entrevistados, obtivemos Unanimidade nas respostas dos participantes da pesquisa em relação a questões culturais da cidade designada a “Rua da Vergonha” e assim dando ênfase acerca do preconceito. Como ressalta Ferreira (2000) “cultura é a formação da educação de um indivíduo, através de seus princípios e valores para compor uma sociedade, cada região possui seus costumes e crenças, formados por um grupo social que se constitui de geração para geração”. Segundo Torres e Neiva (2011) preconceito é uma forma de ideologia preconcebida, formada por indivíduos os quais não tem conhecimento da condição de quem é discriminado, não tendo a compreensão assim da realidade do outro. Portanto, através de um ponto de vista equivocado baseado em julgamentos estereotipados no que condiz a intolerância que consiste em torno de um contexto social.

Quando questionamos aos participantes da comunidade a partir dos relatos via oral a respeito da “Rua da Vergonha” e os profissionais que a compõe, qual é a sua visão e por que. Obtivemos as seguintes resoluções: **Entrevistado 1**, respondeu que: *“É uma visão degradante, pois nessa Rua residem pessoas e casas de família, que acredito que sejam constrangidas com situações desconfortáveis e “Vergonhosas”*. **O Entrevistado 2**, relatou da seguinte maneira: *“Nunca tive contato ou conversei com os profissionais, apenas com clientes e ouvi relatos de histórias de violência psicológica e desrespeito sendo contadas as gargalhadas, como se aquelas meninas não fossem dignas de cordialidade e bom tratamento. Apenas com base nisso, imagino a marginalização e o sofrimento diário”*. **Entrevistado 3**, *“Muitos entram neste caminho por achar que é um único caminho, frente ao preconceito. Muitos são influenciados e levados à prática devido a falta de orientação por parte dos pais ou responsáveis”*. **Entrevistado 4**, *“Procuró não contaminar minha visão com a opinião alheia. Pra mim ela continua sendo apenas uma rua e nada mais”*. **Entrevistado 5**, *“Eu acho que é um trabalho e que a sociedade age com preconceito”*. **Entrevistado 6**, *“98% são pessoas boas, não está prejudicando o meu comércio e nem ninguém. Sou morador da “Rua da Vergonha” e nunca tive problemas com os profissionais do sexo. A Rua em si não deve nada a ninguém, comparado a outros pontos de prostituição na cidade. Não tem perigo e os profissionais do sexo, ajudam a cuidar do meu comércio”*. **Entrevistado 7**, *“Continuo falando na primeira pergunta falta de desestrutura familiar, pais separados, e na minha visão, faltam informações sociáveis e também, falta em respeito a si próprio e temor a Deus”*. **Entrevistado 8**, *“Muito preconceito por parte da sociedade, sendo que falam da Rua e dos profissionais de forma discriminatória, como se fossem pessoas sem respeito. E também na questão do local, eu sou moradora, aos arredores da rua, transito todos os dias pela “Rua da Vergonha” e nunca me senti incomodada ou ofendida pelos profissionais”*. **Entrevistado 9**, *“Alguns iniciam nessa área pela falta de*

oportunidade, outros pela identificação e prazer pelo que faz. Uma profissão como qualquer outra, não vejo de outra forma. Uma visão particular de viver que já existe desde o nascer. A personalidade pode ser moldada, porém jamais mudada”. **Entrevistado 10**, “*Nunca tive problema com nenhum profissional do sexo. Sempre os trato bem e sou correspondida, ou seja, bem tratada. E vejo a prostituição como um trabalho, eles fazem disso uma profissão. Passamos a imagem profissional, eu vejo com naturalidade, talvez por causa do tempo, há exatamente 15 anos que eu trabalho e administro o meu comércio, mesmo ambiente frequentado pelos profissionais do sexo”.* **Entrevistado 11**, “*Eles estão lá exercendo suas profissões, não tem o porquê ter preconceito, ou olhar diferente sobre eles, pois são seres humanos, igual a mim, igual a você”.*

Desse modo conforme os discursos dos entrevistados, observamos através das falas o preconceito e a discriminação vivenciados pelos profissionais do sexo, a respeito da condição desta profissão, segundo os relatos relacionados a influências devido à falta de orientação e informações dos pais ou responsáveis, desestrutura familiar, pais separados. Perece-se que estes fatores não são mais predominantes enquanto atuantes nesta profissão, de certa forma os elementos condizentes a escolha desta profissão está relacionada à vontade própria, conseqüentemente a escolha de uma parcela destes profissionais para atuar como profissional no ramo e também a necessidade e o fator econômico de outros.

Não há dúvida de que a maior parte da população que optou pela prostituição o fez por necessidade imposta por questões sociais, políticas, econômicas, culturais e, às vezes, religiosas (vide a prostituição sagrada praticada como forma de culto aos deuses, por civilizações no passado), no entanto, devemos, também admitir que um pequeno grupo de indivíduos fez opção pela prostituição, não por necessidade e, sim, por vocação, da mesma forma que se pode fazer escolha vocacional por qualquer outra profissão (OLIVEIRA, 2013, p.109).

Pode-se dizer que a necessidade parte da premissa em avaliar a construção social da prostituição, sendo assim o autor deixa claro com o foco principal nos indivíduos que estão acoplados neste meio social. Conforme mencionado acima não é exagero afirmar a existência de uma pequena parcela de pessoas que investem também nesta profissão por uma escolha, como qualquer outra profissão, cada sujeito tem sua autonomia e vocação frente sua subjetividade, para atuar na área a qual se identifica melhor, para desempenhar com eficiência suas atividades.

É fundamental, contudo, ir mais além adentrando na esfera social para assimilar as implicações culturais, salientando os processos de desenvolvimento dessa construção da prostituição, diante os preconceitos. É formalmente o caso de examinar os fatores causadores

dessas discriminações, explícitas pela sociedade desde a antiguidade. Por todas essas fontes, por exemplo, os estereótipos e estigmas envolvem questões profissionais, pessoais e sociais desses indivíduos, é notório que isso resulta em desigualdades aos paradigmas encarados pela prostituição provendo uma exclusão social dos gêneros comprometidos com este ramo. “a discriminação por parte da sociedade é lançada de variadas formas: insulto, violência, discriminação, piada, exclusão, etc.-, trazendo dificuldade a essas pessoas quando tentam vivenciar sua identidade no meio social” (SILVA; CAVALCANTE *et al.*, 2017, p. 139).

Quando interrogamos os participantes da comunidade, para os entrevistados qual seria a correlação da “Rua da Vergonha” com a prostituição. **Entrevistado 1**, respondeu que: “Acho que esta questão tem a mesma relação com a questão número 3”. **Entrevistado 2**, “Apenas um ponto de encontro entre “vendedores” e interessados”. **Entrevistado 3**, “É um local de ponto de encontro, onde uns oferecem seu produto e há aquele que compra. O título “Rua da Vergonha” caracteriza sim a esse espaço para prática da prostituição. Apenas um nome dado a um local “Invadido”, por profissionais do sexo”. **Entrevistado 4**, “É um constructo social que foi criado e desenvolvido com o tempo. No imaginário popular é um local de “sexo a céu aberto”. **Entrevistado 5**, “É o local de trabalho dos profissionais do sexo a diferença que é em local público”. **Entrevistado 6**, “Da cidade os pontos de prostituição a Rua da Vergonha apresentam 2% de correlação com a prostituição. Ponto de trabalho como local público na Rua”. **Entrevistado 7**, “É um ponto de profissionais em lugar público e fica pra nós comerciantes e moradores. Uma situação extremamente sem um bom conceito social. Apesar de que, eu não me sinto incomodada”. **Entrevistado 8**, “A diferença é que a prostituição é desempenhada pelos profissionais na Rua, e não em local fechado, mais sim em espaços públicos”. **Entrevistado 9**, “A meu ver o local mais apropriado por ser de fácil acesso e muito movimento”. **Entrevistado 10**, “A “Rua da Vergonha” é um ponto de prostituição localizado em um espaço público na Rua. Isso nunca me impediu de ir e vir na Rua. Tratam-me com respeito e cordialidade”. **Entrevistado 11**, “Pois, é nesse local aonde os profissionais vão para oferecerem seus serviços, tem muita movimentação de profissionais depois das 19h da noite, por isso associam uma Rua qualquer como uma “Rua da Vergonha”.

Desta maneira a partir das falas dos entrevistados, analisamos a prostituição correlacionada a “Rua da Vergonha” sendo que a profissão é desempenhada na rua por profissionais do sexo em espaços públicos.

Os primeiros registros acerca do tema deram-se no antigo Oriente Médio por volta do segundo milênio a.C., conhecido como prostituição sagrada – com as sacerdotisas do templo, que eram ao mesmo tempo mulheres sagradas e prostitutas. Na época,

estavam longe de sofrer o estigma que sofrem hoje. Eram adoradas, haja vista serem o ponto focal no ritual religioso. É no antigo Egito que aparecem as primeiras prostitutas de rua, quando algumas das prostitutas sagradas começaram a trabalhar fora dos templos, operando aqui independentes e com uma base comercial, ou seja, almejando vantagem financeira (ROBERTS; NICKIE, 1992 *apud* MARQUES, 2004, p. 19).

O autor deixa claro, que é precisamente o caso de como se constituiu a prostituição sagrada na época, avaliando como ocorreu essa transição na construção social. Por todos esses motivos, observamos que este processo se dava por meio de costumes e rituais religiosos da cultura antiga. Conforme citado acima é notório que isso resulta de como neste tempo as prostitutas eram tratadas como sacerdotisas, sendo aprovadas culturalmente, ao contrário de hoje, que enfrentam uma desaprovação frente uma parte da sociedade. Desta forma, tendo sob a análise da construção social da prostituição, o pressuposto para esclarecer o trabalho dos profissionais do sexo, entendemos como um trabalho, como outro qualquer, correlacionando os fatores culturais que simbolizam a expressão de uma sociedade.

a partir do último quarto do século 20, assiste-se à emergência de organizações integradas por prostitutas que reivindicam não só os direitos sociais de cidadania, mas também o reconhecimento da prostituição, “como um trabalho como outro qualquer”, que acarretam direitos e deveres. No caso do Brasil, as políticas públicas voltadas à prostituição começaram a mudar a partir da década de 1990, inaugurando um período de incorporação de novos elementos, perspectivas e sujeitos no debate sobre a prostituição e os direitos das pessoas que exerciam a atividade (ALVAREZ; TEIXEIRA, RODRIGUES, 2001 *apud* RODRIGUES, 2009, p. 69).

Conforme explanado acima, portanto, torna-se evidente que a prostituição é uma profissão do mesmo modo que qualquer outra. Vê-se, pois, o autor deixa claro, sua existência a respeito do reconhecimento da prostituição como um trabalho legal, para a atuação do profissional. Logo, é indiscutível o fato que em torno disso, existem direitos e deveres a serem respeitados por uma sociedade, frente suas escolhas e o individualismo dos profissionais do sexo, que buscam constantemente por uma inclusão social e o apoio coletivo para desempenhar suas atividades profissionais.

Quando perguntamos aos participantes da comunidade, sobre o que há de vergonha na Rua. **O Entrevistado 1**, respondeu que: “*Profissionais relacionados (profissionais ou não) A prostituição*”. **Entrevistado 2**, “*A exploração, a violência e o falso moralismo*”. **Entrevistado 3**, “*Nenhuma! Ponto de prostituição, onde o comportamento de quem oferece seus serviços é vulgar (sem falar da sexualidade); ataques preconceituosos é uma vergonha; definidos por eles (as) diante o meio de trabalho. Respeito mútuo deveria existir*”. **Entrevistado 4**, “*Isso é subjetivo. Pra mim nada, algo insignificante*”. **Entrevistado 5**, “*Eu moradora próxima, não*

vejo nenhuma vergonha”. Entrevistado 6, não vejo vergonha na Rua, pois os profissionais estão trabalhando a noite, pessoas trabalhadoras, não são ladrões, e eu não vejo como vergonha. Até porque não vejo mal nenhum em os profissionais trabalharem aqui na Rua”.

Entrevistado 7, É essa situação, que deixa a rua e as pessoas vulneráveis, a violência, é um espaço com muita droga, e as pessoas de bem evitam a noite de passar pela Rua”.

Entrevistado 8, “As pessoas anônimas que transitam na Rua, por terem preconceito, julgarem e discriminar a vida de outros seres humanos. A vergonha está nas pessoas que passam pela Rua e criticam o próximo sem ao menos saber sua realidade de vida”.

Entrevistado 9, “O preconceito de muitas pessoas, que ainda hoje em dia está presente na maioria das pessoas, aquelas que não conseguem ter a visão como uma profissão”.

Entrevistado 10, “Não tenho nenhuma restrição ou problema em relação à Rua da Vergonha. A forma de se vestirem no caso os profissionais do sexo, que choca. Mas aqui nesta quadra e proximidade, melhorou”.

Entrevistado 11, “Nada, é a própria sociedade que rotula, a prostituição como uma “vergonha”.

Conforme os respectivos relatos dos entrevistados acima se posicionaram nas seguintes falas, sendo unânime nas respostas a respeito de que não há vergonha na Rua, percebemos a Rua como ponto de prostituição, local onde são oferecidos às práticas sexuais, enfatizando a vergonha em relação à discriminação o preconceito e os julgamentos, conseqüentemente a violência em estado de vulnerabilidade enfrentada pelos profissionais do sexo.

A atividade de prestação de serviços sexuais envolve todos os gêneros. A prostituição tem natureza relacional, ou seja, está sujeita ao envolvimento de pelo menos duas pessoas, seja lá qual for o sexo. A característica essencial é a troca do sexo por vantagem financeira, e não o gênero dos envolvidos. Apesar disso, por motivos culturais e históricos a prostituição é associada, preponderantemente, a figura feminina (MARQUES, 2014, p. 33).

Conforme explicado acima o que importa, portanto, é captar os entendimentos acerca do assunto que envolve a prostituição e o seu cenário social. Essa, porém, é uma tarefa que necessita de investigações aprimoradas para reforçar o aprendizado, desde as experiências ligadas a construção social da prostituição, até o desenvolvimento dos serviços prestados nesta área de atuação. O autor deixa claro que em torno disso, existe um nível de práticas, significados, e identidades com referência a prostituição e a prostituta, não é uma questão de gênero, e sim uma interação em troca de fins monetários. É preciso ressaltar, com perspicácia a visão de uma cultura, que visa expressar um simbolismo na sequência de seus princípios e valores.

De acordo com Diniz e Queiroz (2008) a cultura é uma herança social, onde suas crenças e determinados fatores como as leis e morais causam preconceito que se origina de “normas” outorgadas pela sociedade (por ela transparecidas de estereótipos determinados), na qual profissionais do sexo se inserem. A discriminação sofrida por esses indivíduos decorre de estes não se adequarem às regras impostas pela população, implicando desacordo entre a maioria e a minoria. Esta classe trabalhadora, desta maneira, é alcunhada de obter uma ‘vida fácil’, de não ‘ter pudor’ e podendo assim causar a destruição de casais, entre outras designações.

Considera-se, portanto, que por detrás de uma aparente escolha, está presente uma determinação social, fruto das relações contraditórias estabelecidas nesta sociedade. A condição de vulnerabilidade social na qual estas mulheres estão inseridas é evidente. Do mesmo modo, é explícita a negação de sua cidadania e, conseqüentemente, os serviços dela decorrentes, de caráter público ou privado (FERREIRA; PEREIRA; AMARAL, 2015, p. 8).

Conforme exemplificado acima o entendimento da construção social da prostituição, com relação às implicações culturais para a criação do preconceito. Após a análise em observação a correlação da expressão cultural do simbolismo da prostituição. O autor deixa claro que a negação frente à categoria como cidadão e profissional do sexo é nítida, como resultado aos serviços prestados na área social, dentre as circunstâncias que influênciam e estimulam a dificuldade de inclusão, devidos os aspectos por um fragmento de interferências e intervenções, no que consistem os estigmas e estereótipos, que são ideias e opiniões preconcebidas do ser humano, às concepções disfuncionais e protótipos determinados por uma parcela da sociedade, como forma de preconceito, proporcionando assim malefícios, para prejudicar os indivíduos que desempenham suas atividades sexuais na prostituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou uma análise significativa a respeito da prostituição e o preconceito que envolve especificamente a “Rua da Vergonha” e os profissionais do sexo, visando uma reflexão de como uma determinada cultura funciona, no intuito de desmistificar o entendimento da sociedade, bem como também permitiu a compreensão do simbolismo cultural da cidade.

De um modo geral e satisfatório, consideramos que os 11 participantes da comunidade expressaram consideravelmente com seus relatos de maneira subjetiva em relação ao preconceito a Rua e os profissionais que a compõem, sendo unânime nas respostas de que o simbolismo apresentado por intermédio da sociedade se caracteriza de forma cultural no

município. Os participantes também demonstraram interesse e entendimento pelo tema e buscaram se informar sobre o conteúdo, através de narrações via oral. Diante, das falas dos integrantes da pesquisa narrativa ficou evidente que os objetivos propostos por meio desta temática foram realmente alcançados.

A pesquisa bibliográfica parte de um processo que conduz uma investigação científica se utilizou dentre vários autores que abordam o contexto da construção social da prostituição desde o seu surgimento por meio de uma consequência cultural para a constituição do preconceito. Esta investigação define-se, do ponto de vista metodológico, por uma abordagem qualitativa, enfatizando a condição do pesquisador como sujeito e destacando a importância do seu diálogo com o campo empírico, no recurso de produção de conhecimento.

Dada à magnitude do tema, torna-se necessário o desenvolvimento de projetos que visem agregar conhecimento nas questões relacionadas à prostituição, podendo abranger os aspectos culturais da cidade a partir de novos estudos científicos amplificando em específico para análises com base na Rua e nos profissionais do sexo que atendem diferentes necessidades, ampliando o aprendizado a uma estrutura a qual proporcione a complementação de formas distintas fomentando registros e evidências vigentes para uma experiência social.

Nesse sentido, o objetivo geral do trabalho era compreender a “Rua da Vergonha” e sua importância na cultura da prostituição na cidade de Lages, o mesmo foi atingido quando efetuada a utilização do estudo de campo, visto que é de grande valia à pesquisa narrativa manifestar os processos de ser e vir a ser das pessoas, sendo desvelado na coleta dos depoimentos por meio de implementação de entrevistas, mesmo que às vezes, inconscientemente, os indivíduos vão deixando pistas claras a respeito de suas formações e de suas constituições enquanto sujeitos sociais, contribuindo assim para formação de uma cultura passada de geração para geração através dos princípios e valores adquiridos na emergência de uma vivência social enquanto existência do sujeito.

REFERÊNCIAS

BANUTH, R.; SANTOS, M. **Vivências de Discriminação e Resistência de uma Prostituta Negra**. scielo, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br>. Acesso em: 05 Junho 2018.

BARRETO, L.; PRADO, M. ufsj. **Identidade das Prostitutas em Belo Horizonte: as Representações, as Regras e os Espaços**, 2010. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapi/volume5_n2/Barreto_e_Prado.pdf>. Acesso em: 20 Maio 2018.

BATISTA, K. revistas. **O debate historiográfico acerca da ideia da "Prostituição Sagrada" no antigo crescente fértil**, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/31635/21297>>. Acesso em: 06 Junho 2018.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo Fatos e Mitos**. 4ª. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

DINIZ, M.; QUEIROZ, F. **A Relação entre Gênero, Sexualidade e Prostituição**. revistas, 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/34006/21174>>. Acesso em: 17 Junho 2018.

FERREIRA, A. academia. **Aspectos Culturais e o Ensino de Língua Inglesa**, 2000. Disponível em: <http://www.academia.edu/485151/Aspectos_Culturais_e_o_Ensino>. Acesso em: 06 Junho 2018.

FERREIRA, I.; PEREIRA, M.; AMARAL, S. **Prostituição: Opção ou Determinação Social?** pucsp, 2015. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br>>. Acesso em: 17 Junho 2018.

GAIO, O. **A História não Escrita: Prostituição em Lages**. Florianópolis: 1994.

MARQUES, G. siaibib01. **Regulamentação da Prostituição: Efeitos no direito do trabalho**, 2004. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/gustavo%20marques.pdf>>. Acesso em: 19 Maio 2018.

MARQUES, M. conteúdo juridico. **Prostituição VS. exploração sexual: uma análise crítica sobre o consentimento da vítima no crime de tráfico de pessoas para fins de exploração sexual**, 2014. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/pdf/cj048197.pdf>>. Acesso em: 03 Junho 2018.

MOURA, A. et al. **O comportamento de prostitutas em tempos de aids e outras doenças sexualmente transmissíveis: como estão se prevenindo?** 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n3/a17v19n3.pdf>>. Acesso em: 15 Junho 2018.

MARTENDAL, J. A. C. **Processos produtivos e trabalho e educação: a inclusão do caboclo catarinense na indústria madeireira**. Rio de Janeiro: FGV, 1980.

MUNARIM, A. **A práxis dos movimentos sociais na região serrana**. Dissertação de mestrado em Educação. Florianópolis: UFSC, 1990.

OLIVEIRA, S. **Sexo, Sexualidade e Sociedade**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2013.

PAIVA, L. et al. scielo. **A vivência das profissionais do sexo**, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n98/a10v37n98.pdf>>. Acesso em: 21 Maio 2018.

PASINI, E. clam. **Prostituição e a liberdade do corpo**, 2005. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/elisiane.pdf>>. Acesso em: 09 Junho 2018.

PEIXER, Z. I. **A cidade e seus tempos**: o processo de constituição do espaço urbano em Lages. Lages: Uniplac, 2002.

RODRIGUES, A. repositório. **"Fazendo Ponto": Trajetórias de adolescentes em situação de exploração sexual em Lages-SC**, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br>>. Acesso em: 31 Maio 2018.

RODRIGUES, M. scielo. **A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer?**, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 19 Maio 2018.

SAMPAIO, T. **Movimentos do Corpo Prostituído da Mulher**. São Paulo: Loyola, 1999.

SILVA, A. et al. **Transgeneridade: Uma Análise da Representação da Identidade do Eu e do Estigma nas Produções Audiovisuais Recentes**. periodicos, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/35410/19263>>. Acesso em: 21 Junho 2018.

SOARES, J. et al. facsaopaulo. **A Prostituição Como Profissão: Uma Análise Sob a Ótica das Profissionais do sexo**, 2015. Disponível em: <https://facsapaulo.edu.br/media/files/35/35_1385.pdf>. Acesso em: 19 Maio 2018.

TORRES, C.; NEIVA, E. **Psicologia Social Principais Temas e Vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ULLMANN, R. **Amor e Sexo na Grécia Antiga**. 1ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.